



Princípios da Ecopedagogia e da Ambientalização Curricular: cartografias para sustentabilidade¹

Ariel Philippi Machado²

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6961-2740>

Neila Schulz Reiser³

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3735-3817>

Rudolf von Sinner⁴

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0487-4237>

Resumo: Este artigo tem como objetivo cartografar as intersecções entre os princípios da Ecopedagogia e da Ambientalização Curricular (AC), visando fortalecer a dimensão da sustentabilidade nos currículos educacionais. Para tanto, foram analisadas as ressonâncias e linhas de força que conectam os princípios, evitando comparações tradicionais. Os resultados revelam que ambas convergem para a promoção da cultura da sustentabilidade, ética integral, justiça socioambiental e sensibilização racional, destacando a educação como ferramenta transformadora. A Ecopedagogia enfatiza uma visão planetária, enquanto a

¹ Recebido em: 13/10/2025. Aprovado em: 07/12/2025.

² Doutorado em andamento em Teologia pela PUCPR. Mestrado em andamento em Administração Universitária (2024-) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Teologia (2021) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Juventude, Religião e Cidadania (2021) pela Faculdade Católica de Santa Catarina. Especialista em Direito Educacional (2019) pela Faculdade Unyleya. Especialista em Catequese - Iniciação à Vida Cristã (2018) pela Faculdade Católica de Santa Catarina. Especialista em Direito Administrativo (2017) pela Ucam-Prominas. Bacharel em Teologia (2016) pela Faculdade Católica de Santa Catarina. Bacharel em Filosofia (2012) pela Faculdade São Luiz. Licenciado em Matemática (2008) pela Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: proff.ariel@gmail.com

³ Advogada. Licenciada em Geografia. Bacharela em Administração e Direito. Mestra em Educação pela Univali. Doutorado em andamento em Educação pela Univali. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas de Currículo e de Gestão PPCG, Universidade do Vale do Itajaí Univali e Membro do NUPEATRO - Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação - FURG. Signatária do Movimento Nacional ODS Santa Catarina. Doutoranda e mestre em Educação. E-mail: neila_reiser@hotmail.com

⁴ Doutor em Teologia pela Universidade de Basileia, Livre-docente em Teologia Sistemática pela Universidade de Berna, ambas na Suíça. Professor nos Programas de Pós-Graduação em Teologia (o qual também atualmente coordena) e de Direitos Humanos e Políticas Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná em Curitiba. Professor extraordinário da Universidade de Stellenbosch, África do Sul. E-mail: rudolf.vonsinner02@gmail.com

AC foca na integração curricular, e as duas abordagens compartilham o compromisso com a formação de sujeitos críticos. O estudo reforça a importância de práticas pedagógicas interdisciplinares e colaborativas para enfrentar os desafios socioambientais, consolidando a educação como pilar para sociedades sustentáveis.

Palavras-chave: Ambientalização curricular. Ecopedagogia. Educação ecotransformadora. Sustentabilidade.

Principios de Ecopedagogía y Ambientalización Curricular: cartografías para la sostenibilidad

Resumen: Este artículo busca mapear las intersecciones entre los principios de la Ecopedagogía y la Ambientalización Curricular (AC), con el objetivo de fortalecer la dimensión de la sostenibilidad en los currículos educativos. Para ello, se analizaron las resonancias y las líneas de fuerza que conectan los principios, evitando las comparaciones tradicionales. Los resultados revelan que ambos convergen en la promoción de una cultura de sostenibilidad, ética integral, justicia socioambiental y conciencia racional, destacando la educación como herramienta transformadora. La Ecopedagogía enfatiza una visión planetaria, mientras que la AC se centra en la integración curricular, y ambos enfoques comparten el compromiso con el desarrollo de individuos críticos. El estudio refuerza la importancia de las prácticas pedagógicas interdisciplinarias y colaborativas para abordar los desafíos socioambientales, consolidando la educación como un pilar para sociedades sostenibles.

Palabras-clave: Ambientalización curricular. Ecopedagogía. Educación ecotransformadora. Sostenibilidad.

Principles of Ecopedagogy and Curricular Environmentalization: cartographies for sustainability

Abstract: This article aims to map the intersections between the principles of Ecopedagogy and Curricular Environmentalization (CA), aiming to strengthen the sustainability dimension in educational curricula. To this end, the resonances and lines of force connecting the principles were analyzed, avoiding traditional comparisons. The results reveal that both converge toward promoting a culture of sustainability, integral ethics, socio-environmental justice, and rational awareness, highlighting education as a transformative tool. Ecopedagogy emphasizes a planetary vision, while CA focuses on curricular integration, and both approaches share a commitment to developing critical individuals. The study reinforces the importance of interdisciplinary and collaborative pedagogical practices to address socio-environmental challenges, consolidating education as a pillar for sustainable societies.

Keywords: Curricular environmentalization. Ecopedagogy. Eco-transformative education. Sustainability.

INTRODUÇÃO

O currículo pode ser definido como uma construção social e um espaço de poder para a formação dos professores e para a educação em contexto amplo. Tem-se que a primeira produção literária sobre currículo foi a obra *The curriculum*, de Bobbitt, em 1918. O manual, fundamentado na administração científica, buscava dar à educação a característica de eficiência/organização social.

Posteriormente, em meio a um jogo de forças entre interesses econômicos e sociais, sustentado pela ciência, em 1932, Ruggs e Counts propõem uma reforma na concepção sistemática de Bobbit, e defendem a ideia de que o currículo deveria ajudar a

reconstruir a sociedade, buscando soluções para as crises sociais e culturais da sociedade (Gesser, 2002).

No entanto, foi somente em 1949 que Ralph Tyler avança o conhecimento e oferece a primeira produção científica a teorizar sobre o documento escolar: o currículo deve conter os objetivos educacionais da instituição. A definição destes objetivos justifica a seleção de experiências de aprendizagem, planejamento e organização destas experiências para, ao fim, avaliar a eficácia do ensino.

Esta concepção de currículo ainda está vigente nas instituições educacionais, no entanto, tem sido problematizada com novas teorias como a crítica de Paulo Freire (1970), as teorias pós-críticas, pós-colonialistas e pós-estruturalistas que buscam uma escola mais contextualizada com a realidade social, política, cultural e econômica de cada região, oferecendo uma educação multidimensional, capaz de atender às complexas necessidades da sociedade.

Nesta pesquisa, defendemos o currículo na concepção definida por Silva (1999, p. 150) como “lugar, espaço, território [...], relação de poder. [...] documento de identidade”, pois ao definir o que deve ser ensinado e aprendido, o currículo molda as subjetividades, reforça ou desafia relações de poder e participa ativamente da construção de quem somos como indivíduos e como sociedade.

Paralelo à evolução das teorias do currículo, percebe-se que o modelo econômico adotado globalmente, com base no uso excessivo dos recursos naturais, degradação ambiental e falta de respeito pela biodiversidade, gerou uma crise civilizatória caracterizada por desigualdades sociais, falta de efetividade das instituições democráticas e instabilidade econômica.

Este contexto multifacetado fez os países dialogarem entre si na tentativa de buscar soluções para equilibrar crescimento econômico, justiça social e preservação ambiental. Por certo, a educação passou a ser um dos pilares para esta mudança e, a partir desta percepção, leis, políticas, diretrizes e programas relacionados à educação ambiental passaram a vigorar nos Estados-nação, influenciando diretamente a construção dos currículos de ensino.

Neste movimento, na década de 1990, impulsionada por debates e reflexões sobre a necessidade de integrar a educação com os princípios da sustentabilidade⁵ e da

⁵ Por sustentabilidade, nos apropriamos de conceito desenvolvido por Boff (2013), o qual considera toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentem todos os

consciência ecológica surge a Ecopedagogia (Gadotti, 2001). Um marco importante para seu desenvolvimento foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), realizada no Rio de Janeiro em 1992, onde se discutiu a importância da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável.

De igual forma, as universidades também ganham destaque como espaços fundamentais para construção de conhecimentos e práticas sustentáveis. Discute-se o que se denomina Ambientalização Curricular (AC), ou seja, a inserção da educação ambiental não apenas no currículo, mas na pesquisa, extensão e gestão administrativa das instituições, que devem estar voltadas à formação de sujeitos comprometidos com a busca das melhores relações possíveis entre sociedade e natureza (Junyent; Geli; Arbat, 2003). Em outras palavras, promover a cultura da sustentabilidade no ensino superior.

Percebemos nessas articulações, que tanto a Ecopedagogia quanto a AC objetivam integrar a sustentabilidade nos processos educativos. Diante disso, esta pesquisa pretende apresentar uma cartografia dos princípios da Ecopedagogia que interseccionam com os princípios da AC com o intuito de fortalecer a dimensão da sustentabilidade nos currículos, tendo vista a proposta de ambas em formar sujeitos comprometidos com a justiça socioambiental e o cuidado com a vida na Terra.

ECOPEDAGOGIA: TRANSFORMAÇÃO PARA CULTURA SUSTENTÁVEL

A Ecopedagogia surge, inicialmente, como pedagogia do desenvolvimento sustentável para consolidar pressupostos que podem ser considerados norteadores da sua abordagem: visão holística, busca por um equilíbrio dinâmico entre ser humano e natureza e sustentabilidade. De acordo com Prado, fundadora da Ecopedagogia, juntamente com Francisco Gutiérrez, as ideias embrionárias da Ecopedagogia se deram do seguinte modo:

Eu iniciei sozinha, Francisco Gutiérrez ainda não estava me acompanhando nesse trabalho. [...] A Carta da Terra deve vir das bases. E por aí começou uma das primeiras intuições. [...] e o tema da Terra devia ser um tema holístico e de significado holístico para eu me sentir parte dela. Ou seja, eu não estou para cuidar da terra, eu sou parte da terra. [...] Francisco Gutiérrez já estava lendo muitíssimo a física quântica, biologia molecular, e estava criando todo o movimento da pedagogia a partir disso. Ele falou com Paulo Freire uma série de vezes e Paulo também já começava a ler sobre alguma

seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e, ainda, atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.

dessas coisas, e eles pensaram que teriam de escrever um livro sobre uma pedagogia nesse sentido, já dentro de um olhar emergente totalmente, dentro de um paradigma emergente. Porém, Paulo morreu, porém eu segui trabalhando na criação da Carta da Terra. [...] Essas foram como as origens da Ecopedagogia. De fato, o livro de Ecopedagogia é escrito para o Conselho da Terra, financiado pela União Europeia, mas para o Conselho da Terra, por isso a origem, porque essas são como as raízes (Dickmann; Prado, 2023, p. 26).

A primeira edição da obra *Ecopedagogia e Cidadania planetária* foi publicada no Brasil em 1999. Desde então, o movimento da Ecopedagogia tem sido objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Gadotti (2009) explica que a Ecopedagogia é um projeto alternativo, global e utópico, pois pretende mudar as relações humanas, sociais e ambientais que vivenciamos.

Para orientar este projeto educacional foram formuladas algumas chaves pedagógicas, também consideradas princípios da abordagem ecopedagógica (Gadotti, 2001):

1) Promoção da vida - sentido da existência: substituir a visão antropocêntrica e exploratória por uma perspectiva biocêntrica, onde a promoção da vida (humana e não humana) se torna o eixo central da existência. Como afirma Prado:

Então estamos falando de coisas fundamentais entre Educação Ambiental e Ecopedagogia. [...] Que é um pensamento complexo, um pensamento baseado na vida, e quando digo a vida, obviamente, penso em toda a vida e nós como parte da vida, como um ecossistema, mas, com o qual também está em contraposição ao antropocentrismo (p. 40).

2) Sensibilidade social: capacidade do sujeito de perceber a interdependência entre a sociedade e a natureza, reconhecendo que o bem-estar humano está intrinsecamente ligado ao bem-estar social. O desenvolvimento da sensibilidade social refere-se às novas relações (flexíveis, sensíveis, sustentáveis) que devem se dar com todos os outros seres do universo, animados como inanimados (Gutiérrez; Prado, 2000).

3) Congruência harmônica: envolve sentir-se como parte de um todo maior, vivendo com ternura e capacidade de admiração em relação à natureza e aos demais seres. De acordo com Prado (Dickmann; Prado, 2023), a harmonia da vida depende de uma compreensão holística da existência. Nas suas palavras: “Acreditamos nas coisas contextualizadas, encarnadas nos territórios. Só dessa maneira poderemos mudar as coisas. Imagina você, temos de mudar primeiro a nós mesmo para poder mudar as nossas relações com os entornos naturais que temos” (p. 42).

4) Ética integral: conjunto de valores e uma consciência ecológica que dão sentido ao equilíbrio dinâmico e à congruência harmônica no relacionamento do ser humano com a natureza e com os outros seres.

5) Racionalidade intuitiva: reconhecer os limites da lógica racional e valorizar a afetividade, a vida e a subjetividade, especialmente nos contextos de educação. Como explica Prado, “Tem que pensar a Ecopedagogia desde suas bases epistemológicas. Bem. Não se pode fragmentar. Não se pode ter uma visão mecânica quando estamos falando da natureza, não se pode ter uma visão onde se separe o objeto do sujeito” (Dickmann; Prado, 2023, p.40).

6) Consciência planetária: perceber que nossas ações têm repercussões não apenas locais, mas globais, influenciando o equilíbrio ecológico, social e cultural de todo o planeta. “a dimensão planetária reflete e requer uma profunda consciência ecológica, que é, em definitivo, a formação da consciência espiritual como único requisito no qual podemos e devemos fundamentar o caminho que nos conduz ao novo paradigma (Gutiérrez; Prado, 2000, p. 38).

Pontuamos que estes princípios estimulam a valorização da vida cotidiana, racionalidade afetiva, cultura da sustentabilidade e a ampliação da visão de mundo dos estudantes, pois em contrapartida a pedagogia tradicional (centrada no conteúdo e na transmissão de informações), as ações pedagógicas que unem conhecimento às questões concretas do meio ambiente e da existência humana – vida cotidiana, dão maior significado à aprendizagem. É o que afirma a fundadora da Ecopedagogia: “a ecopedagogia está na aprendizagem, e na aprendizagem o que temos? Temos que o mais importante é a pessoa que aprende, não somente o conteúdo, e o ensino tem o conteúdo como o mais importante” (Dickmann; Prado, 2023, p. 44).

Nesta perspectiva, entendemos que a Ecopedagogia não se limita a ensinar sobre sustentabilidade – ela é a prática. “Então nós pensamos que se deve incorporar o interlocutor, porém de verdade como um ator ativo, não é um encontro acadêmico, é um encontro real” (Dickmann; Prado, 2023, p. 45). Ao conectar conhecimento científico, ação comunitária e valores éticos, torna-se uma abordagem curricular que contribui para que a vida humana esteja em harmonia com os limites ecológicos do planeta. De igual forma a AC também tem o propósito de formar sujeitos protagonistas de uma melhor relação com a natureza, conforme descrito no item que segue.

AMBIENTALIZAÇÃO CURRICULAR: CULTURA DA SUSTENTABILIDADE

A ambientalização curricular pode ser entendida como a incorporação da cultura da sustentabilidade socioambiental nos currículos, para além dos domínios do ensino, incluindo pesquisa, extensão e gestão ambiental, que visa formar cidadãos conscientes e engajados na construção de relações mais equilibradas e harmoniosas entre seres humanos e meio natural.

Guerra e Figueiredo (2014, p. 122) destacam que a ambientalização curricular se caracteriza como um processo de “flexibilidade, diálogo de saberes, sociabilização de conhecimentos de diferentes áreas, mudanças de atitudes e estilos de vida e vivência de princípios e valores ambientais”.

Com esse intuito algumas estratégias são adotadas como a promoção de eventos e discussões que envolvam alunos, professores e a comunidade em geral, a fim de fomentar uma cultura de conscientização e ação em prol da sustentabilidade; a inclusão da sustentabilidade nos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI), garantindo que as ações ambientais sejam parte integrante da estratégia da universidade, estabelecimento de parcerias com outras instituições e redes de pesquisa que atuam na área, como a Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASul), para troca de experiências e desenvolvimento conjunto de projetos (Guerra; Figueredo, 2014).

A prática da educação ambiental é um dever ético e moral dos educadores para sociedade, sendo a ambientalização curricular um dos caminhos possíveis para o saber sustentável já que propõe a integração de objetivos educacionais com as demandas socioambientais. Sua importância se deve, em especial, pelo potencial de transformação social, visto que um currículo ambientalizado permite aos educandos se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, seja pelo pensamento crítico, ou pela capacidade de resolver problemas de forma colaborativa e sustentável.

Destaca-se que a inclusão no currículo de temas relacionados à sustentabilidade é um dos caminhos para ambientalização curricular.

Para institucionalizar este processo de forma efetiva nos currículos Mota e Kitmann (2018) propõem os seguintes princípios:

1. Sensibilização estético-ambiental: integrar a educação estética nos currículos, valorizar a experiência sensorial objetivando reconectar a relação entre o sujeito e a natureza;

2. Complexidade bioecossistêmica: trabalhar a educação, em especial a ambiental, de modo transversal para compreender as inter-relações entre sociedade, natureza e sistemas ecológicos;

3. Globalização e pertencimento ao lugar: propor uma aprendizagem que contextualize as questões globais no âmbito local, incentivando o sentimento de pertencimento e o cuidado com o território;

4. Sustentabilidade: internalizar valores como equidade, justiça social e responsabilidade ambiental e incentiva projetos práticos que promovam a sustentabilidade nas instituições e comunidades;

5. Justiça socioambiental: o currículo deve abordar a desigualdade na distribuição dos impactos ambientais, os direitos ambientais das comunidades vulneráveis, além de promover o respeito à diversidade cultural, étnica, de gênero e ecológica, combatendo todas as formas de discriminação;

6. Mudanças do clima: integrar discussões sobre as causas e efeitos das mudanças climáticas no currículo, para promover a mitigação e prevenção das emergências climáticas;

7. Pensamento crítico-reflexivo: o currículo deve incentivar a reflexão crítica sobre modelos de desenvolvimento insustentáveis e a transformação de práticas sociais, além de valorizar a participação democrática;

8. Ética e ecocidadania: os processos educativos devem incorporar valores éticos como respeito, solidariedade e responsabilidade.

Os autores explicam que estes princípios foram baseados nas Diretrizes Curriculares para Educação Ambiental no Brasil (Brasil, 2012) sua implementação requer uma abordagem sistêmica e colaborativa, envolvendo toda a comunidade acadêmica e a sociedade.

Em especial, este princípio da ecocidadania aproxima-se de uma revisão proposta pela fundadora da Ecopedagogia, em relação ao tema do cuidado integral. Prado explica que:

Então o tema da cidadania que eu não gosto e tem surgido um novo tema muito interessante em uns grupos de mulheres em redes comunitárias, muito interessante, que se chama cidadania. [...] Cuidado essencial que fala Leonardo Boff. [...] Então eu quero tirar a palavra cidadania, além disso, perceba que cidadania agora tem uma conotação muito relacionada à segurança, e a palavra segurança não está à favor do cuidado, é outro erro. [...] Eu penso que vai emergir uma reflexão, é uma reflexão que, não gosto

dessa palavra, e que eu gostaria de desenvolver mais a palavra cidadania, trabalhando-a desde o cuidado essência (Dickmann; Prado, 2023, p. 48).

Percebemos que tal qual a proposta da Ecopedagogia, que pode ser revisitada e propor novas práticas e novos significados ao modo como habitamos o mundo, ambientalizar o currículo é uma maneira de repensar a educação, renovando-a desde dentro, integrando a dimensão socioambiental de forma crítica, interdisciplinar e prática. Dessa forma, a seguir descrevemos o método utilizado para cartografar as intersecções destes princípios.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O método da cartografia segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2009) foi utilizado para interseccionar os princípios da Ecopedagogia e da AC, tendo em vista a possibilidade de co-construir conhecimento a partir dos princípios que habitam o território existencial da sustentabilidade.

O método é composto por oito pistas para orientar o pesquisador científico: 1) a cartografia como método de pesquisa intervenção; 2) o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; 3) cartografar é acompanhar processos; 4, movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia; 5) o coletivo de forças como plano de experiência cartográfica; 6) cartografia como dissolução do ponto de vista do observador; 7) cartografar é habitar um território existencial e 8) por uma política da narratividade. Estas ferramentas metodológicas não são rígidas, podem ser usadas de forma isolada ou não e autorizam mapear as subjetividades que constroem os princípios.

Neste estudo utilizamos, em especial, a pista 8 – por uma política da narratividade (Passos; Barros, 2009) que oportuniza transformar a forma como os textos (no caso os princípios) são escritos, para uma composição aberta, inclusiva e capaz de expressar a complexidade e a multiplicidade dos fenômenos ambientais. Os autores explicam que isso é possível através de procedimentos como a desmontagem, que consiste em extrair de uma narrativa (neste caso dos princípios da Ecopedagogia e da AC) as microlutas que revelam a espessura política da realidade da educação para sustentabilidade, já que já cada abordagem curricular é um índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como *ethos* político.

A vista disso, após a leitura dos princípios da Ecopedagogia e da AC foram mapeados pontos em comum, evitando similaridades fixas ou comparações tradicionais, e cartografadas as ressonâncias e linhas de forças que os atravessam, a fim de destacar como elas produzem sentidos em movimento. O item que segue, apresenta o resultado desta cartografia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Habitamos o território dos princípios norteadores da Ecopedagogia e da AC e, conforme já abordado, vislumbramos que a *sustentabilidade* é o ponto que une essas abordagens. Isso porque ambas enfatizam a ideia de que a sustentabilidade é a força mobilizadora para mudança de mentalidade e comportamento, ou seja, promotora de cultura. “Todas as mudanças importantes na história começam nas mentes, nos sonhos e na consciência das pessoas” (Boff, 2013, p. 178). Sob este olhar, a educação desempenha um papel central na formação de sujeitos conscientes de sua interdependência com a Terra e capazes de agir local e globalmente, o que inclui por exemplo: estudar civilizações que viveram em harmonia com a natureza, visitar reservas naturais, usar energia solar, reaproveitar materiais em atividades artísticas, envolver alunos na elaboração de políticas ambientais da escola.

O currículo sustentável transforma a lógica educacional a partir da integração da ética, ecologia e emancipação social. A *ética* integral e ética e ecocidadania compõem outra intersecção entre as abordagens curriculares. Tanto para Ecopedagogia quanto para a AC, a ética é o pilar para a formação de profissionais comprometidos com relações mais harmoniosas entre sociedade e natureza. “A ética responde a um imperativo não-vinculante. É humana, auto-organizativa; é um acicate que impulsiona a convivência harmônica ao afirmar e promover a legitimidade do outro” (Gutiérrez; Prado, 2000, p. 101). Realizar ações extensionistas que conectem o currículo ao *lugar*, promover discussões sobre direitos humanos, justiça ambiental e cuidado com todas as formas de vida são formas de institucionalizar a ética nos currículos.

Conectar o currículo ao *lugar* também é outra intersecção de princípios. Enquanto a Ecopedagogia trata da consciência planetária e congruência harmônica, a AC se refere a globalização e pertencimento ao *lugar*, sob a compreensão que “cada lugar é, objeto de uma razão local e de uma razão global, convivendo em um movimento dialógico” (Mota; Kitzmann, 2018, p. 18). São as *interconexões* simples do

cotidiano que revelam e enfrentam a complexidade das questões gerais da humanidade. Como exemplifica Gadotti (2000, p. 121) “a lágrima de um aluno na classe ou o desenho de uma criança na rua podem ser considerados como grandes livros, se soubermos fazer uma leitura em profundidade”, pois como todos os seres do universo, nós integramos uma vasta rede de relações.

Ademais, não apenas estabelecemos conexões dentro de cada sistema, mas também tecemos interações entre os próprios seres e entre diferentes sistemas, criando uma teia dinâmica e interdependente de existências. Para experienciar este movimento é preciso racionalidade intuitiva ou como a AC denomina sensibilização estético ambiental. Sinalizamos que esta *sensibilização racional* é um ponto de intersecção das abordagens curriculares. A busca do equilíbrio entre razão-emoção nos obrigará a impregnar sentido a muitas práticas da vida cotidiana, bem como compreender o não-sentido de muitas outras (Gutiérrez; Prado, 2000).

Com relação ao currículo, pensamos que atividades que envolvam arte são possibilidades para expressar ideias complexas de forma não linear, que integram emoções e imaginação. Assim, o teatro, a música ou artes visuais são alternativas que contribuem para uma aprendizagem racional e intuitiva e podem ainda explorar temas como justiça ambiental.

A justiça socioambiental para AC está inserida no currículo quando articula os estudantes (atores sociais) em atividades e/ou questões que minimizam ou terminam com “a distribuição dos riscos ambientais, que atinge principalmente os menos favorecidos” (Mota, Kitzmann, 2018, p. 21). cremos que a *justiça* socioambiental se associa a *sensibilidade social* defendida pela Ecopedagogia. A construção compartilhada desses saberes autoriza o reconhecimento das injustiças e a ação transformadora, essencial para a pedagogia da sustentabilidade.

Somos parte do universo e feitos do mesmo pó cósmico que se originou com a explosão das grandes estrelas vermelhas. “O universo e nós somos sustentados pela Energia de Fundo que nos mantém existentes e unidos” (Boff, 2013, p.111). Há uma sustentabilidade geral e oculta de fatores que sustentam nossa existência. Desta maneira, sinalizamos como última intersecção entre os princípios analisados a complexidade biossistêmica e a *promoção da vida*.

A complexidade biossistêmica permite compreender a interdependência dos fenômenos ecológicos e reverbera em um novo olhar das interações ser

humano-sociedade-natureza (Mota, Kitzmann, 2018). Esta consciência promove sentido para nossa existência e contribui para promoção à vida. Cartograficamente é a característica de “uma ação com(um) que se institui como agenciamento coletivo de enunciação” (Passos; Barros, 2009, p. 167), ou seja, a consciência biossistêmica vivida, enunciada e protagonizada pelo sujeito figura como experiência coletiva que se vê implicada em todos os seres como o continuum de intensidade que compõe a vida. Mapear nascentes, plantar espécies nativas, fomentar a economia circular e dialogar com o poder público pela proteção de áreas verdes constituem práticas pedagógicas interdisciplinares que transformam o currículo em um espaço vivo de aprendizagem e ação em prol da vida.

A intersecção destes princípios fortalece o currículo como território de transformação ecológica e social, onde a educação se torna instrumento concreto de sustentabilidade. Constatamos que os princípios pensamento crítico-reflexivo e mudança climática previstos para AC, estão presente no plano de forças das intersecções das abordagens pois estão associados não só a consciência, mas as práticas curriculares ambientais. Acreditamos que o *pensamento crítico-reflexivo* é mediador para enfrentar a crise climática provocada pelo modelo de produção, consumo e organização social vigente. A Figura 1 que segue demonstra as intersecções cartografadas neste estudo:

Figura 1: Cartografia das intersecções dos princípios da Ecopedagogia e AC



Fonte: Os autores, 2025.

As intersecções entre a ambientalização curricular e a ecopedagogia revelam o alinhamento educacional no percurso da educação para a sustentabilidade. O movimento, alinhado ao pensamento crítico-reflexivo e a mudança climática, interconecta lugares e é atravessado pela sensibilização racional, ética e justiça social. Percebemos que enquanto a AC foca na integração da sustentabilidade no currículo escolar, a Ecopedagogia amplia essa perspectiva para uma visão planetária, e ambas convergem para a sustentabilidade da vida da humanidade no planeta.

CONCLUSÃO

Este estudo cartografou as intersecções entre os princípios da Ecopedagogia e da Ambientalização Curricular, destacando a sustentabilidade como eixo que une essas abordagens. A análise revelou que ambas as perspectivas compartilham um compromisso com a formação de sujeitos críticos, éticos e comprometidos com a justiça socioambiental, capazes de atuar local e globalmente em prol da vida no planeta.

A Ecopedagogia, com seus princípios biocêntricos e holísticos, e a AC, com sua proposta de integrar a sustentabilidade nos currículos de forma transversal e prática, convergem para a construção de uma educação transformadora. A cartografia realizada evidenciou pontos de intersecção como a ética integral, a sensibilização racional, a justiça socioambiental e a promoção da vida, reforçando a importância de um currículo que dialogue com as complexidades do mundo.

Além disso, o estudo destacou o papel fundamental das instituições de ensino superior na promoção da cultura da sustentabilidade, seja por meio da pesquisa, da extensão ou da gestão ambiental. A integração dessas dimensões no currículo não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também fortalece o vínculo entre a universidade e a sociedade, fomentando ações concretas que respondam aos desafios socioambientais.

Por fim, ressaltamos que a implementação desses princípios requer uma abordagem colaborativa e sistêmica, envolvendo toda a comunidade acadêmica e os atores sociais. A educação, quando alinhada aos valores da sustentabilidade, é instrumento para a transformação social e ambiental, contribuindo para um futuro mais justo e equilibrado. Este estudo espera inspirar novas pesquisas e práticas pedagógicas que ampliem e aprofundem essas discussões, consolidando a educação como um pilar essencial para a construção de sociedades sustentáveis.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade – o que é – o que não é**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação, 2012. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf> Acesso em: 30 jun. 2025.

DICKMANN, Ivo; PRADO, Cruz. Ecopedagogia: origens e fundamentos. In: DICKMANN, Ivo (Org.). **Ecopedagogia: origens, fundamentos, perspectivas**. Porto Alegre: Livrológica, 2023.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da sustentabilidade, Educação ambiental e educação para a cidadania planetária**.

Acervo do Centro de Referência Paulo Freire, 2009. Disponível em : <<http://www.paulofreire.org/Arquivos/ArquivosAcervo000137>>

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo. Peirópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra: ecopedagogia e educação sustentável**. Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Buenos Aires, 2001.

GESSER, Verônica. **A evolução histórica do currículo: dos primórdios à atualidade**. Contrapontos, ano 2, n. 4 - Itajaí, jan/abr 2002, p. 69-81.

GUERRA, Antonio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lúcia. **Ambientalização curricular na Educação Superior: desafios e perspectivas**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 3. 2014, p. 109-126.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. Ecopedagogia e cidadania planetária. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. **Guia da escola cidadã**. vol 3.2 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

JUNYENT, Mercè; GELI, Anna M; ARBAT, Eva (eds). Ambientalización curricular de los estudios superiores. 2 Processo de caracterización de la ambientalización curricular de los estudios universitarios. Universitat de Girona – Red ACES, 2003.

MOTA, Júnior Cesar; KITZMANN, Dione Iara Silveira. **Princípios para a institucionalização da ambientalização curricular na educação superior: da sensibilização à ecocidadania socioambiental**. Ambiente & Educação. vol. 23. nº 2, 2018, p. 12-29.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da.(org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 150-171.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da.(org). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.